



Atitudes dos jovens face a si próprios, idade e sexo: Uma revisão da literatura

Attitudes of young people face themselves, age and gender: A literature review

Maria da Conceição Martins *, Feliciano Henriques Veiga **

*Escola Superior de Educação de Bragança , **Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Resumo

O estudo das atitudes face a si próprio –autoconceito– permite compreender a formação da personalidade, visto que estas influenciam o que cada pessoa pensa, o que sente, como se comporta, e conhecer as condições pessoais e sociais que podem desencadear a sua mudança. Nesta investigação analisaram-se as pesquisas que relacionam as atitudes dos jovens face a si próprios e as variáveis idade e sexo. Para descrever o estado da arte, a metodologia utilizada consistiu na revisão da literatura de tipo narrativa. Os trabalhos revistos salientam a existência de uma relação complexa entre o autoconceito e cada uma das variáveis.

Palavras-chave: atitudes dos jovens face a si próprios, autoconceito, idade, sexo.

Abstract

The study of attitudes towards oneself (self-concept) helps us to understand the formation of the personality, since they influence what each person thinks, what he feels, how he behaves, and allows to know the personal and social conditions that can trigger their change. In this research we analysed the studies that relate the attitudes of the young towards themselves and the variables age and sex. In order to describe the state of the art, a narrative review was conducted. The reviewed papers highlight the existence of a complex relationship between self-concept and each of the studied variables.

Keywords: young people's attitudes towards themselves, self-concept, age, gender.

Introdução

No presente estudo, as “atitudes face a si próprio” são consideradas um constructo sinónimo de “autoconceito”, “conceito de si próprio”, ou “*self*”, sendo genericamente definidas como a percepção que o indivíduo tem das suas características próprias (García, 1998). A pertinência da investigação sobre a dinâmica que envolve o *self* encontra-se justificada nos inúmeros estudos efetuados ao longo do tempo, tentando a compreensão mais aprofundada do funcionamento do núcleo mais central da personalidade humana (Veiga, 2012). “As rápidas transformações da sociedade contemporânea, cada vez mais tecnológica e impessoal, exigem de cada ser humano uma identidade consigo mesmo (...) e, portanto, uma necessidade de conhecer-se a si-mesmo e de saber responder à questão “Quem sou eu?” (p. 25). O autoconceito é um elemento central na formação da personalidade, e um indicador da satisfação pessoal e do

bem-estar psicológico, correspondendo ao conjunto de percepções que uma pessoa tem sobre si (Marsh & Craven, 2006). O autoconceito é um dos constructos mais antigos e uma área de pesquisa amplamente estudada nas ciências sociais, embora o seu estudo tenha encontrado obstáculos devidos à dificuldade encontrada pelos investigadores para fornecerem uma definição teórica do que estavam a medir nas pesquisas efetuadas.

As atitudes face a si próprio, consideradas globalmente ou em dimensões concretas, adotam-se como resultado da interação do indivíduo com outros significativos (pais, professores, ...), pelo que as atitudes e a conduta do indivíduo não são os mesmos em todos os âmbitos e contextos. Isto implica “a não existência de um autoconceito, mas sim uma variedade de autoconceitos com diferentes graus de importância” (Veiga, 2012, p.33). A partir dos anos 80 verificou-se uma mudança importante para uma perspectiva teórica multidimensional do autoconceito (Marsh, Byrne & Shavelson, 1988). Na atualidade, o autoconceito é considerado uma estrutura multidimensional e hierárquica que pretende explicar por que as pessoas se percebem a si mesmas da forma como o fazem. Essa nova maneira de teorizar e investigar o autoconceito originou-se com o desenvolvimento do modelo hierárquico de Shavelson, Hubner e Stanton (1976), para quem a adequada percepção, organização e integração das experiências por que cada indivíduo passa constituem a chave explicativa para o seu adequado funcionamento comportamental, cognitivo, afetivo e social. De acordo com a perspectiva atual, o autoconceito de uma pessoa é formado através da sua experiência e das interpretações que faz do ambiente em que se insere, baseadas na sua avaliação pessoal e no *feedback* de outros significativos sobre o seu comportamento. O autoconceito começa a formar-se nos primeiros anos de vida e; à medida que as pessoas evoluem da infância para a idade adulta, o autoconceito torna-se mais diversificado e multidimensional, mas necessita de um longo processo para se consolidar. Contudo, não se trata de uma consolidação definitiva e, embora seja a estrutura mais estável da identidade do sujeito, vai sofrendo mudanças que refletem as capacidades transitórias relativas à idade e, simultaneamente, as experiências que o sujeito vai acumulando (Eccles, Wigfield, Harold & Blumfield, 1993; Marsh & Ayotte, 2003; Marsh, Craven & Debus, 1991; Musitu, Buelga, Lila & Cava, 2004). Ou seja, o indivíduo tem várias crenças de si próprio, mas nem

todas têm igual importância e significado, pelo que algumas, sendo periféricas, são mais suscetíveis de mudança. Daí a importância do seu estudo e das condições pessoais e sociais que podem desencadear essa mudança, bem como o estudo dos eventuais efeitos que possam ter noutras dimensões da personalidade. Vários autores salientam que o autoconceito é um importante fator a ter em consideração no estudo da psicologia dos adolescentes, dado que a promoção do autoconceito está associada a benefícios académicos, sociais e comportamentais, como o aumento do envolvimento escolar e do desempenho escolar e o ajustamento psicossocial na adolescência (Agrawal & Teotia, 2015; Craven & Marsh, 2008; Fuentes, García, Gracia & Alarcón, 2015; Fuentes, García, Gracia & Lila, 2011; Marsh & Craven, 2006; Peixoto & Almeida, 2011; Rodríguez-Fernández, Droguett & Revuelta, 2012; Veiga, 1989; Veiga, García, Reeve, Wentzel, & García, 2015).

Para descrever o estado da arte realizou-se uma revisão narrativa. O método aplicado envolveu a pesquisa sistemática em publicações recentes, através de bases de dados científicas, portais *web*, *handbooks* e teses. Apresenta-se seguidamente uma sistematização da informação sobre a conceptualização das atitudes dos jovens face a si próprios, bem como da informação referente à relação entre as mesmas e os fatores rendimento idade e sexo.

Atitudes face a si próprio: conceptualização e avaliação

As atitudes face a si mesmo correspondem a um conceito multidimensional e suscetível de desenvolvimento diferencial, como se verifica em muitos dos estudos revistos. A importância do estudo do autoconceito tem vindo a crescer em várias áreas da psicologia, entre elas, a da psicologia educacional, dado trata-se de um constructo com grande relevância educativa, nomeadamente na adolescência, uma vez que “educar o autoconceito tem repercussão numa série de áreas, a nível emocional, académico, social e familiar”, “dada a incidência deste fator sobre o rendimento académico e o desenvolvimento de diretrizes de desempenho sociopessoal” (García, 1998, p.15). Atualmente, o autoconceito é um constructo central na psicologia, que permite que o indivíduo se conheça a si-próprio, como também o ajuda a explicar a adequação dos seus próprios comportamentos de acordo com o contexto dos sujeitos. Estas autopercepções influenciam a maneira como a pessoa atua e estes atos, por sua vez, influenciam a percepção que a pessoa faz de si própria, pelo que o autoconceito é importante, tanto como um resultado, mas também como uma variável mediadora, que ajuda a explicar outros resultados (Marsh, 2006; Shavelson et al., 1976). É, por isso, consensual que o modo como o indivíduo julga que é percebido pelos outros, bem como as imagens que tem de si mesmo, vão contribuir para o seu autoconceito (Veiga, 2006).

O autoconceito não é um constructo recente. Desde os filósofos gregos que existem vocábulos e conceitos que se assemelham ao autoconceito, como alma, espírito e vontade, embora analisados em quadros dogmáticos,

religiosos, filosóficos e metafísicos diferentes (García, 1998). Atualmente, persiste uma multiplicidade de termos utilizada nos trabalhos de investigação (Veiga, 2006), como “consciência de si mesmo”, “autoestima”, “autoimagem”, “autoavaliação”, “representação de si mesmo”, “autopercepção”, aos quais são atribuídos sentidos e significados que nem sempre coincidem (García, 1998). A história deste conceito inicia-se no século XIX, com William James, o primeiro teórico que procurou sistematizar as várias componentes do autoconceito, considerando a existência de três partes hierarquicamente organizadas: o eu corporal (bens materiais, incluindo o corpo e suas funções), o eu social e o eu espiritual (capacidades psíquicas e estados de consciência). O modelo clássico de James apresenta uma explicitação rica e compreensiva do “eu” objetivo e consciente, que serviu de base a muitos modelos psicológicos atuais que estudam o autoconceito, incluindo o modelo multidimensional e hierárquico desenvolvido por Shavelson et al. (1976). De acordo com esta teoria, o autoconceito é considerado: organizado; multidimensional; hierárquico; estável; e diferenciável.

Um dos aspetos que tornou o modelo desenvolvido por Shavelson et al. (1976) mais consistente e marcante no estudo do autoconceito foi o facto de terem feito uma abordagem sistemática à validade do constructo nos estudos clássicos, argumentando que a mesma forneceria um modelo para a construção de instrumentos de avaliação do autoconceito, para a conceção de estudos sobre a estrutura interna do mesmo, para testes sobre as relações com outros constructos, e, eventualmente, para a rejeição e revisão da definição teórica inicial (Marsh, 2006; Marsh & Shavelson, 1985). Quando foi proposto pela primeira vez em 1976, o modelo não foi testado empiricamente, mas investigações subsequentes tendo como base este modelo permitiram fazer progressivas alterações, que permitiram testar a sua compatibilidade com outros modelos vigentes e clarificar as limitações teóricas e metodológicas dos mesmos, tentando ir ao encontro de um conhecimento mais aprofundado do autoconceito, mas, acima de tudo, de formas mais consistentes de o medir (Byrne & Shavelson, 1996; Marsh et al., 1988). Nesse sentido, são de salientar a investigação realizada por Marsh e Shavelson (1985) destinada a avaliar o autoconceito em sete dimensões de primeira ordem (aparência física, habilidades físicas, relações entre pares, relações com os pais, leitura, matemática e escola), através da aplicação do “Self Description Questionnaire” (SDQ) a crianças e adolescentes. Os resultados dessa investigação revelaram que o autoconceito em relação à leitura e à matemática não estavam correlacionados, o que impedia a sua incorporação num único fator de autoconceito académico, como originalmente descrito por Shavelson et al. (1976), o que levou os autores a propor um modelo revisto, conhecido como o modelo Marsh-Shavelson, igualmente ordenado de forma hierárquica, mas com uma hierarquia mais complexa, onde a dimensão académica do autoconceito passou a ser representadas por duas dimensões de ordem superior (autoconceito académico verbal e autoconceito académico matemático)

(Marsh & Shavelson, 1985; Peixoto & Almeida, 2011; Veiga, 2012) e um autoconceito geral, de terceira ordem.

Desde então, têm sido desenvolvidos um vasto conjunto de instrumentos de avaliação do autoconceito, entre os quais se podem salientar: o “Self Description Questionnaire” (SDQ I, II e III; Shavelson et al. (1976; Marsh & O’Niell, 1984); o Questionário “Autoconcepto Forma 5” (AF5; García & Musitu, 1999); a “Piers-Harris Children’s Self Concept Scale” (Piers e Harris, 1964; Veiga, 1989). Estes métodos (autodescritivos) preveem a obtenção de resultados com base naquilo que o sujeito transmite ao posicionar-se acerca da forma como pensa sobre si mesmo (Veiga, 2012). A escala “Autoconcepto Forma 5” (AF5) foi publicada pela primeira vez em 1999, validada com uma amostra de 6483 participantes, com idades entre 10 e 62 anos e mede o autoconceito em cinco dimensões: académica/profissional, familiar, física, social e emocional (García & Musitu, 1999; 2014). Atualmente é um dos instrumentos de avaliação do autoconceito mais amplamente utilizados em língua espanhola, com aplicações a jovens de vários outros países, com bons indicadores psicométricos, e um dos poucos que mede o autoconceito de forma multidimensional (Coelho, Marchante & Romão, 2015; García, Gracia & Zeleznova, 2013; García, Musitu & Veiga, 2006; García, Musitu, Riquelme & Riquelme, 2011). A Piers-Harris Children’s Self Concept Scale (PHSCS; Piers & Harris, 1964) é um questionário autodescritivo, que avalia as dimensões comportamental, estatuto intelectual e escolar, aparência e atributos físicos, ansiedade, popularidade e satisfação/felicidade. Foi criado por Piers e Harris (1964) e adaptada à população portuguesa por Veiga (1989), passando a ser um dos instrumentos mais utilizados na investigação científica por investigadores, educadores e clínicos (Frade & Veiga, 2014; Veiga, 1989; 2012; Veiga & Leite, 2016; Veiga, Robu, Appleton, Festas & Galvão, 2014).

Atitudes face a si próprio e idade

Conhecer como se diferenciam as atitudes face a si próprio –autoconceito– ao longo da idade tem despertado o interesse dos investigadores. Os estudos empíricos que relacionam a idade com o autoconceito não têm permitido afirmar um tipo de tendência quanto à relação entre estas variáveis. Uma das razões poderá dever-se ao facto de o autoconceito ser avaliado mais na globalidade do que na sua multidimensionalidade. Os estudos que utilizam instrumentos de avaliação mais sensíveis, mostram que este se desenvolve de forma complexa, com algumas dimensões a registar um aumento com a idade, outras a diminuir e outras a permanecer estáveis (Veiga, 2012). Simultaneamente, a perspetiva teórica a partir da qual se investiga também influencia as explicações atribuídas aos resultados obtidos.

Na revisão da literatura sobre os estudos empíricos realizados para investigar a relação entre autoconceito e idade, constatou-se que a generalidade dos autores salientam que o desenvolvimento do autoconceito relacionado com diversos outros fatores, incluindo o desenvolvimento cognitivo individual e o aumento do número de interações sociais, levando a que, com a

idade, as autoperceções se tornem progressivamente mais complexas (Coelho et al., 2015; Cole et al., 2001); Craven & Marsh, 2008; Eccles et al., 1993; Marsh, 1989; Marsh et al., 1991; 1998; Veiga, 2012; Wigfield et al., 1997). As causas apontadas para as diferenças no autoconceito remetem para a associação com os estádios de desenvolvimento em que os sujeitos se encontram e com o desenvolvimento das relações interpessoais que estes estabelecem, as quais constituem um fator muito influente. As crianças mais pequenas possuem uma perceção das suas competências muito baseada no esforço que despendem nas tarefas que realizam e na importância que essas tarefas têm para elas. No entanto, à medida que a idade avança, as crianças começam a basear a sua autoperceção no desempenho real que constata e em critérios externos inferidos a partir de outros significativos, levando a uma redução progressiva do seu autoconceito durante a adolescência. Esta disrupção será devida às características próprias da adolescência e ao contexto social externo à escola (um tempo associado a transições da puberdade, cognitivas e educacionais) e ao surgimento de estruturas cognitivas mais complexas), pelo que se torna relevante compreender as especificidades psicológicas de cada etapa do ciclo de vida das pessoas para se desenvolver estratégias educativas e de intervenção adequadas (Agrawal & Teotia, 2015; Byrne, 1996; Marsh & Ayotte, 2003; O’Mara et al., 2006). No final da adolescência verificam-se aumentos e diminuições em vários domínios do autoconceito, mas sem evidências de desestabilização.

Muitos dos estudos revistos salientam, assim, que o autoconceito aumenta e estabiliza em períodos temporais que não são interrompidos por transições disruptivas a nível desenvolvimental, social e educacional. Nesse sentido, várias pesquisas sugerem um padrão razoavelmente consistente de evolução do autoconceito com a idade, o qual diminui no início da adolescência, estabilizando e, em seguida, aumentando pelo menos até ao início da idade adulta (Coelho et al, 2015; Fontaine, 1991; Faria, Taveira, Nogueira & Veiga, 2012; Marsh, 1989; Marsh & Ayotte, 2003; Marsh et al., 1991, 1998; Musitu et al., 2001; Peixoto & Mata, 1993; Shavelson et al., 1976; Wigfield, et al., 1997).

Marsh (1989), num estudo com 12266 estudantes de Sydney, Austrália, dos grupos etários pré-adolescentes, adolescentes e jovens adultos, através da utilização das escalas SDQ, obteve resultados que permitiram concluir que algumas dimensões do autoconceito (académico, social e físico) aumentavam entre o 3.º e o 6.º ano de escolaridade, depois apresentavam uma diminuição após o 7.º ano, mas voltavam a aumentar após o 9.º ano, estabilizando a partir daí. Um estudo desenvolvido por Peixoto e Mata (1993), com 586 estudantes portugueses entre o 3.º ao 6.º ano de escolaridade, revelou um decréscimo nos valores das autoperceções à medida que a idade aumenta, no que se refere aos domínios da competência escolar, competência atlética e aparência física. Cole et al. (2001) efetuaram uma investigação longitudinal, na qual estudaram, durante 6 anos, 1920 estudantes americanos, entre o 3.º ano e o 11.º ano. Os resultados obtidos permitiram concluir que, durante a

fase final da infância (3.º ao 6.º ano), existiu um aumento moderado a forte da autopercepção das competências académicas, sociais e desportivas. Na transição entre o 6.º e 7.º ano, verificaram uma desestabilização na maior parte dos domínios e redução em alguns desses domínios. Na transição entre a pré-adolescência e a adolescência média (8.º e 9.º ano), verificaram aumentos e diminuições em vários domínios do autoconceito, mas sem evidências de desestabilização. Marsh e Ayotte (2003), aplicando uma versão em francês da SDQ a 1103 alunos do 2º ao 6º ano de escolaridade, concluíram que, à medida que os alunos ficam mais velhos, tornam-se mais eficientes nas suas autoavaliações, o que resulta num declínio linear em termos médios no seu autoconceito com a idade, embora com uma diferenciação modesta no autoconceito académico. Faria et al. (2012), num estudo com 306 alunos portugueses, com idade entre 12 e 16 anos, utilizando uma adaptação da escala PHSCS, registaram diferenças significativas de acordo com a idade, com os mais novos a apresentar valores de ansiedade e comportamento mais elevados. Coelho et al. (2015), num estudo com a escala AF5 aplicada a 1619 estudantes portugueses com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos, obtiveram resultados que mostram que, à medida que a escolaridade aumenta, os autoconceitos académico, físico e emocional diminuem.

Contudo, algumas pesquisas encontraram resultados diferentes, sugerindo a necessidade de aprofundamento dos estudos, quer através da utilização de amostras mais amplas, quer através da utilização de instrumentos mais sensíveis e ajustados às faixas etárias estudadas.

Atitudes face a si próprio e sexo

Outro fator suscetível de influenciar as atitudes face a si próprio – autoconceito – é o sexo e, por isso, tem sido uma variável que tem recebido muita atenção dos investigadores. Nas últimas duas décadas tem existido um aumento do número de estudos empíricos sobre diferenças de género nas várias dimensões do autoconceito. A revisão da literatura efetuada permite concluir que a maioria dos estudos aponta para a existência de diferenças em várias dimensões do autoconceito em função do género (Coelho et al., 2015; Cole et al., 2001; Eccles et al., 1993; Faria et al., 2012; Fuentes et al., 2011; Fuentes et al., 2015; Rodrigues et al., 2013; Wigfield et al., 1997).

No estudo longitudinal já referido, com estudantes americanos entre o 3.º e 11.º ano, Cole et al. (2001) obtiveram resultados nos quais os rapazes pré-adolescentes tiveram níveis mais elevados nas dimensões desportiva e física, enquanto as raparigas mostraram melhor autoconceito comportamental. Durante a adolescência os rapazes mantiveram uma autopercepção superior à das raparigas nas dimensões desportiva e física., embora a diferença reduza, uma vez que as raparigas registam um aumento, ainda que moderado, no autoconceito físico. Numa outra pesquisa, estudando a relação entre o autoconceito e um conjunto de indicadores de ajustamento psicossocial em adolescentes, Fuentes et al. (2011), através da aplicação da escala AF5 a uma amostra de 1281 adolescentes espanhóis com idade entre os 12 e os 17 anos, concluíram

que as raparigas apresentaram um melhor ajustamento psicológico, menos problemas comportamentais e boas competências pessoais do que os rapazes. Faria et al. (2012), num estudo com 306 alunos portugueses, com idade entre 12 e 16 anos, utilizando uma adaptação da escala PHSCS, registaram diferenças significativas de acordo com o sexo, nomeadamente entre os mais novos, com os rapazes a evidenciar um autoconceito superior nas dimensões ansiedade e popularidade, do que as raparigas, enquanto estas apresentaram autoconceito mais elevado na dimensão física. Coelho et al. (2015), no estudo já referido, desenvolvido com 1619 estudantes portugueses com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos, usando a escala AF5, concluíram que as raparigas têm resultados superiores no autoconceito académico enquanto os rapazes apresentaram resultados superiores no autoconceito emocional e físico. Fuentes et al. (2015) num estudo com 772 adolescentes espanhóis com idades entre 12 e 17 anos, obtiveram resultados que mostram que os rapazes apresentaram níveis superiores no autoconceito emocional e físico, enquanto as raparigas apresentaram níveis mais altos em alguns domínios do autoconceito académico.

Estas diferenças encontradas em dimensões específicas do autoconceito quanto ao género podem ser explicadas à luz dos estereótipos sexuais (Byrne & Shavelson, 1986; Marsh, 1985; Peixoto & Mata, 1993; Veiga, 2012). Desta forma, os rapazes apresentam níveis superiores de autoconceito nas dimensões física e na matemática, enquanto as raparigas apresentaram um autoconceito mais alto nos domínios do comportamental e social. Na adolescência, tanto a natureza das relações sexuais, como as normas sociais que as regulam possibilitam relações com significados pessoais relevantes. A importância deste aspeto para o autoconceito é elevada. De acordo com os estereótipos dominantes, os homens identificam-se com papéis que implicam competência e agressividade, enquanto as mulheres se descrevem como carinhosas, expressivas e preocupadas com a filiação social. No entanto, nem todas as pesquisas encontram resultados consistentes com os estereótipos tradicionais.

Alguns estudos não encontraram diferenças significativas entre géneros em qualquer dimensão do autoconceito. Agrawal e Teotia (2015), numa investigação realizada com 400 estudantes de Deli, Índia, com 15 a 16 anos, encontraram resultados que mostram não haver diferença significativa em todas as componentes do autoconceito entre rapazes e raparigas, exceto no autoconceito socioeconómico, o qual se apresenta superior nas raparigas. Estes resultados mostram que faltam estudos mais sistematizados e aprofundados, nomeadamente na faixa etária correspondente à adolescência, para perceber a influência conjunta de outras variáveis pessoais e sociais na relação entre as atitudes face a si próprio e o sexo.

Considerações finais

O conceito atitudes face a si próprio – autoconceito – é um elemento central na formação da personalidade, correspondendo ao conjunto de perceções que uma pessoa tem sobre si, baseadas na sua avaliação pessoal e

no feedback de outros significativos. O autoconceito começa a formar-se nos primeiros anos de vida, mas não se trata de uma consolidação definitiva. Embora seja a estrutura mais estável da identidade do sujeito, vai sofrendo mudanças que refletem, por um lado, as capacidades transitórias relativas à idade e, por outro, as experiências que o sujeito vai acumulando. Os estudos revistos salientam a existência de uma relação complexa entre o autoconceito e cada uma das variáveis, idade e sexo, com resultados diferentes consoante as dimensões consideradas. Contudo, apontam, para a necessidade de realização de novos estudos empíricos, no sentido de clarificar a direção e a intensidade das relações entre o autoconceito e cada uma destas variáveis, nomeadamente no período da adolescência.

Referências

- Agrawal, M. & Teotia, A.K. (2015). Academic Achievement and Self-Concept of Secondary Level Students. *Int Education & Res Journal* 1(3), 26-33. <http://ierj.in/journal/index.php/ierj/article/view/29>
- Byrne, B.M. & Shavelson, R.J. (1996). On the structure of social self-concept for pre-, early, and late adolescents: a test of the Shavelson, Hubner, and Stanton (1976) model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 599-613. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.599>
- Cole, D.A., Maxwell, S.E., Martin, J.M., Peeke, L.G., Seroczynski, A.D., Tram, J.M., Hoffman, K.B., Ruiz, M.D., Jacquez, F. & Maschman, T. (2001). The Development of Multiple Domains of Child and Adolescent Self-Concept: A Cohort Longitudinal Design. *Child Development*, 72(6), 1723-1746. <http://dx.doi.org/10.1111/1467-8624.00375>
- Craven, R.G. & Marsh, H.W. (2008). The centrality of the self-concept construct for psychological wellbeing and unlocking human potential: implications for child and educational psychologists. *Educational and Child Psychology* 25(2), 104-118.
- Eccles, J.S., Wigfield, A., Harold, R.D., & Blumenfeld, P. (1993). Age and gender differences in children's self- and task perceptions during elementary school. *Child Development*, 64(3), 830-847. <http://dx.doi.org/10.2307/1131221>
- Frade, A.S. & Veiga, F.H. (2014) Na assessment scale for trainee engagement in the Portuguese navy. In *Proceedings of EDULEARN14 Conference* (pp. 7493- 7501). Barcelona.
- Fuentes, M.C., García, J.F., Gracia, E. & Lila, M. (2011). Autoconceito y ajuste psicosocial en la adolescencia. *Psicothema*, 23(1), 7-12.
- Fuentes, M.C., García, F., Gracia, E. & Alarcón, A. (2015). Parental socialization styles and psychological adjustment: A study in Spanish adolescents. *Revista de Psicodidáctica*, 20(1), 117-138. <http://dx.doi.org/10.1387/RevPsicodidact.10876>
- García, I.S. (1998). Autoconceito y adolescencia. Teoría, medida y multidimensionalidad. *Didáctica i Psicopedagogia*, 8. Palma: Universitat Illes Balears.
- García, J.F. & Musitu, G. (1999). AF5: Autoconceito Forma 5. Madrid: Tea ediciones.
- García, J.F., Musitu, G. & Veiga, F. (2006). Autoconceito en adultos de España y Portugal. *Psicothema*, 18 (3), 551-556. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=72718334>
- García, J.F., Musitu, G., Riquelme, E. & Riquelme, P. (2011). A confirmatory factor analysis of the «Autoconceito Forma 5» questionnaire in young adults from Spain and Chile. *Spanish Journal of Psychology*, 14(2), 648-658. http://dx.doi.org/10.5209/rev_SJOP.2011.v14.n2.13
- Marsh, H.W. (1989). Age and sex effects in multiple dimensions of self-concept: Preadolescence to early adulthood. *J. Educational Psychology*, 81(3), 417-430. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0663.81.3.417>
- Marsh, H.W. & Ayotte, V. (2003). Do multiple dimensions of self-concept become more differentiated with age? The differential distinctiveness hypothesis. *Journal of Educational Psychology*, 95(4), 687-706. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0663.95.4.687>
- Marsh, H.W., Byrne, B.M. & Shavelson, R.J. (1988). A multifaceted academic self-concept: Its hierarchical structure and its relation to academic achievement. *Journal of Educational Psychology*, 80(3), 366-380. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0663.80.3.366>
- Marsh, H.W. & Shavelson, R.J. (1985). Self-concept: its multifaceted, hierarchical structure. *Educational Psychologist*, 20(3), 107-123. http://dx.doi.org/10.1207/s15326985ep2003_1
- O'Mara, A.J., Marsh, H.W., Craven, R.G. & Debus, R.L. (2006). Do self-concept interventions make a difference? A synergistic blend of construct validation and meta-analysis. *Educational Psychologist*, 41(3), 181-206. http://dx.doi.org/10.1207/s15326985ep4103_4
- Peixoto, F. & Almeida, L.S. (2011). A Organização do Autoconceito: Análise da Estrutura Hierárquica em Adolescentes. *Psic: Reflexão e Crítica*, 24(3), 533-541. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722011000300014>
- Rodríguez-Fernández, A., Droguett, L., & Revuelta, L. (2012). School and personal adjustment in adolescence: The role of academic self-concept and perceived social support. *R. Psicodidáctica*, 17(2), 397-414. <http://dx.doi.org/10.1387/Rev.Psicodidact.4496>
- Veiga, F.H. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito: Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHSCS-2). *Psicologia e Educação*, 2, 39-48.
- Veiga, F.H. (2012). Transgressão e autoconceito dos jovens na escola (3ed.). Lisboa: Fim de Século.
- Veiga, F.H. (Coord.) (2013). *Psicologia da educação: Teoria, investigação e aplicação - Envolvimento dos alunos na escola*. Lisboa: Climepsi Editora.
- Veiga, F.H., García, F., Reeve, J., Wentzel, K. & García, O. (2015). When adolescents with high self-concept lose their engagement in school. *Revista de Psicodidáctica*, 20(2), 305-320. <http://dx.doi.org/10.1387/RevPsicodidact.12671>
- Veiga, F.H., & Leite, A. (2016). Adolescents' Self-concept Short Scale: A version of PHSCS. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 217, 631-637. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2016.02.079>

Veiga, F.H., Robu, V., Appleton, J., Festas, I., & Galvão, D. (2014). Students' engagement in school: Analysis according to self-concept and grade level. In Proceedings of EDULEARN14 Conference (pp. 7476-7484). Barcelona.